

DOSSIÉ

JORNALISMO LITERÁRIO, TRANSDISCIPLINARIDADE E CAMPO DE COMPLEXIDADE:

os saberes jornalístico-literários de João
Guimarães Rosa

Copyright © 2018
SBPjor / Associação
Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo

GUSTAVO DE CASTRO

Universidade de Brasília, Brasília – Distrito Federal – Brasil
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7126-6947>

FLORENCE DRAVET

Universidade Católica de Brasília, Brasília – Federal District – Brazil
<https://orcid.org/0000-0002-3822-3627>

ANDREA JUBÉ VIANA

Universidade de Brasília, Brasília – Distrito Federal – Brasil
<https://orcid.org/0000-0003-0987-2502>

VICTOR CRUZEIRO

Universidade de Brasília, Brasília – Distrito Federal – Brasil
<https://orcid.org/0000-0003-2417-6441>

DOI: 10.25200/BJR.v14n3.2018.1109

RESUMO – Este artigo busca situar o jornalismo literário enquanto disciplina de saberes complexos e transdisciplinares, necessária à formação de todo jornalista. Busca entender e integrar a prática da narração aos problemas dos níveis de realidade. Os conceitos de literatura de complexidade e de transdisciplinaridade servem de base à nossa reflexão. Com o conto “Com o vaqueiro Mariano”, trazemos a literatura de João Guimarães Rosa e suas relações com os saberes jornalísticos, desde a noção de entrevista, passando pelo sistema de produção e circulação da informação até as técnicas de apuração que o autor empregava. Por fim, concluímos que o jornalismo literário permite não só situar o jornalismo no circuito da comunicação, mas também, e de forma ampliada, estender o circuito da comunicação à sua dimensão cultural, em seu papel pedagógico relevante para qualquer área do conhecimento.

Palavras chave: Jornalismo literário. Complexidade. Transdisciplinaridade. Educação. Comunicação.

**LITERARY JOURNALISM, TRANSDISCIPLINARITY
AND COMPLEXITY FIELD:
*the journalistic and literary knowledges of João Guimarães Rosa***

ABSTRACT – This article seeks to situate Literary Journalism as a discipline of complex and transdisciplinary knowledge, necessary for the training of every journalist. It seeks to understand and integrate the practice of narration to the problems of the levels of reality. The concepts of Literature of Complexity and Transdisciplinarity serve as a basis for our reflection. With the short story “Com o vaqueiro Mariano”, we bring the literature of João Guimarães Rosa and his relations with journalistic knowledge, from the notion of interview, through the system of production and circulation of information to the techniques of verification that the author used. Finally, we conclude that Literary Journalism allows not only to situate journalism in the communication circuit, but also, and in an extended way, broaden the communication circuit to its cultural dimension, exercising such a pedagogical role relevant to any area of knowledge.

Key words: Literary Journalism. Complexity. Transdisciplinarity. Education. Communication.

**PERIODISMO LITERARIO, TRANSDISCIPLINARIEDAD Y CAMPO
DE COMPLEJIDAD:
los saberes periodístico-literarios de João Guimarães Rosa**

RESUMEN – Este artículo busca situar el periodismo literario como disciplina de saberes complejos y transdisciplinarios, necesaria para la formación de todo periodista. Se trata de entender y de integrar la práctica de narrar los problemas de los niveles de realidad. Los conceptos de literatura de complejidad y de transdisciplinarietà sirven de base a nuestra reflexión. Con el cuento “Com o vaqueiro Mariano”, traemos la literatura de João Guimarães Rosa y sus relaciones con los saberes periodísticos, desde la noción de entrevista, pasando por el sistema de producción y circulación de la información hasta las técnicas de escrutinio que el autor empleaba. Por último, concluimos que el periodismo literario permite no sólo situar el periodismo en el circuito de la comunicación, sino también, y de forma ampliada, extender el circuito de la comunicación a su dimensión cultural, ejerciendo tal disciplina un papel pedagógico relevante para cualquier área del saber.

Palabras clave: Periodismo literario. Complejidad. Transdisciplinarietà. Educación. Comunicación.

1. Introdução

Este artigo pretende pensar a relação do jornalismo com a literatura sob a perspectiva do conhecimento disciplinar e transdisciplinar, o que não significa apostar ou investir em um tipo específico de jornalismo, ou em uma nova fragmentação, no já hiper-retalhado e problemático campo dos saberes humanos. Este artigo pretende, portanto, investir na ideia do jornalismo literário como campo transdisciplinar, ou conhecimento narrativo capaz de espalhar-se nos cursos, disciplinas e cátedras universitárias na área de ciências humanas e sociais, assim como nas

seções do jornal, podendo ser pensado e explorado como um recurso a mais a favor do leitor e da formação do ser humano.

O que chamamos aqui de jornalismo literário não é, tampouco, uma nova cadernalização¹, espaço ou tabloide onde o leitor possa ler contos, histórias infantis, crônicas, novelas (e mesmo que isso não seja uma má ideia, não é disso que estamos falando), nem é um discurso unificador ou revolucionário que vise a implodir um estilo consolidado para edificar outro no lugar. O que chamamos de jornalismo literário é a junção de conhecimentos, saberes, *savoir-faire*, técnicas e estilos narrativos desenvolvidos pela literatura que podem (e devem) estar a serviço do próprio conhecimento informacional e humano, assim como a serviço das rotinas de produção jornalísticas.

Jornalismo literário é, portanto, para nós, o jornalismo contextualizado com os vários campos do conhecimento humano. É, por essa razão, um tipo específico do fazer jornalístico que não exclui a princípio nenhum recurso metodológico ou narrativo: diálogos, perfis, contos, cordéis, entrevistas, poesias, pingue-pongues, crônicas, matérias informativas convencionais, relatos em primeira pessoa, notinhas, cartas, ensaios, artigos, fragmentos, tudo ou quase tudo é permitido desde que se saiba usar *com talento, engenho e bom senso*. É exatamente por ser livre, desafiador e arriscado ao ser manipulado que o jornalismo literário foi pouco entendido e explorado como campo transdisciplinar, até porque pode ser visto mais como uma anarquia estilística do que em seu aspecto sistêmico e complexo.

Há, certamente, um desinteresse das escolas de comunicação frente ao estudo e à prática da literatura. Cabe perguntar aqui se o jornalismo do ponto de vista curricular realmente está indo no caminho certo ao não investir, por exemplo, nas técnicas de narração presentes no interior do campo literário. Alguém duvida que essas técnicas possam ressaltar, ilustrar e fortalecer o texto jornalístico? Acreditamos que esta pergunta deve mesmo causar reflexão: que mal faria trazer mais para perto do jornalismo a literatura?

Para tentar investigar esta questão, traremos aqui uma reflexão em três etapas. Em um primeiro momento, após apresentarmos o pensamento brasileiro e seus diálogos com alguns pensadores fora do Brasil a respeito do que vem a ser o jornalismo literário, mostraremos como, em nossa perspectiva, esse jornalismo pode ser concebido como uma realidade complexa e sistêmica que envolve vários saberes e várias racionalidades, perfazendo um tipo de “razão sensível” (Maffesoli, 1998); realidade que chamaremos de

literatura de complexidade. Em um segundo momento, tentaremos perceber como o jornalismo literário enquanto disciplina pode se apresentar também em uma perspectiva transdisciplinar como campo propício à formação do ser humano e dos estudantes das mais diversas áreas do saber, atravessando as fronteiras e contribuindo para um conhecimento midiático ampliado, cujos níveis de realidade se comunicam. Por fim, mostraremos como o escritor João Guimarães Rosa incluiu o jornalismo no circuito da comunicação em que também está incluída a literatura, estabelecendo relações interdisciplinares entre estas por meio dos seus contos publicados em suplementos literários. A prática de Rosa constituiu amálgama de saberes transdisciplinares, numa perspectiva ampla, em que jornalismo, literatura e jornalismo literário apresentam narrativas da vida em formatos diferentes, os quais não apenas informam e encantam, mas também contribuem na formação do leitor/receptor.

2. O jornalismo literário como literatura de complexidade

Não é nossa intenção aqui fazer uma revisão de literatura que dê conta das várias concepções e problemáticas envolvidas na temática do jornalismo literário no Brasil e no exterior. Importantes estudos já trataram deste objetivo (Soares, 2017; Bak, 2017). Cabe-nos aqui mencionar aquelas que mais se aproximam do diálogo que queremos fazer com a abordagem transdisciplinar e complexa.

Como mostra o pesquisador em jornalismo literário John Bak, existe um rico contingente de produção internacional de jornalismo literário, da “China ao Brasil, da Escócia à Austrália e da Finlândia à Nova Zelândia” (Bak, 2017, p. 136). Em sua busca global de definições, estéticas, práticas taxonômicas, históricos, críticas e *savoir-faire*, seus estudos nos incitam a reforçar a necessidade de um investimento transdisciplinar internacional do pensamento e das práticas, que são, defendemos aqui, da ordem da complexidade. Os estudos comparativos de Bak nos permitem especialmente perceber “as muitas verdades” (Bak, 2017, p. 140), a combinação de tradições, as “influências transnacionais”, que reforçam justamente nossa percepção de que estas “muitas verdades” são causas ou consequências, do mesmo modo, da percepção de realidades também múltiplas e complexas.

Para Martinez (2017) ninguém até agora foi mais feliz que

o pesquisador estadunidense John C. Hartsock ao afirmar que não há consenso entre os estudiosos e praticantes sobre a nomenclatura mais exata para se definir o jornalismo narrativo. “Sem a intenção de resolver definitivamente a questão, ele diz ter decidido optar pelo termo Jornalismo Literário devido à compreensão de que os textos em consideração são narrativos” (Martinez, 2017, p. 35).

A nosso ver, Hartsock (2016) situa o jornalismo literário dentro das histórias mais amplas da tradição americana do jornalismo “objetivo” e do romance padrão. Para ele, o jornalismo literário implica uma estética da experiência, tanto por parte daquele que constrói a narrativa, como por parte do leitor, que experimenta um texto impregnado de vivências e experiências. Hartsock pretende por abaixo os mitos sustentados pelo jornalismo convencional e quer problematizar o lugar ocupado pelo jornalismo literário em uma época de velocidade digital em que os leitores mudam de mídias muito rapidamente.

Por sua vez e do ponto de vista da pesquisa social, Soares (2017) mostra que o jornalismo literário desde muito cedo, contribuiu não apenas para expor os muitos problemas urbanos dos Estados Unidos, como também explorou técnicas e instrumentos de pesquisa sociológica e etnográfica, como “entrevistas, observação participante, pesquisas sociais, estudos de caso” (Soares, 2017, p. 79).

A intersecção entre jornalismo literário e pesquisa social, na visão de Soares, revela que o século XX testemunhou a aproximação da narrativa com a etnografia e as experiências no contexto urbano, assim como o próprio trabalho científico de sociólogos. Os campos da narrativa e da sociologia se cruzam em um interstício que contempla métodos e interesses de pesquisa.

O jornalismo literário também já foi definido por Lima (s.d.), em um texto para o portal da Associação Brasileira de Jornalismo Literário (ABJL), como sendo o mesmo que literatura de realidade, mas ele ultrapassa essa nomenclatura porque é a própria noção de realidade e de descrição da realidade que está em jogo aqui. Talvez nada seja mais difícil do que definir a realidade. Quem tenta está quase sempre fadado ao fracasso, por isso preferimos uma concepção que casa filosofia e poesia e que apresenta a realidade como “aquilo que se revela ao homem” (Juarroz, 2000). Algo que exige do homem um conhecimento gradual ao mesmo tempo que um desprendimento gradual. É fato que o próprio romance-reportagem já lida com a ideia de realidade ao questionar os seus próprios limites, como vemos hoje com as produções e os novos exercícios de linguagem e experiências

de narração. Produções que vêm abrindo a noção, fazendo com que o romance-reportagem deixe de ser visto apenas como literatura de realidade para ser visto como literatura de hiper-realidade, onde vários níveis de realidade se fazem presentes.

Pensando em seu contexto educacional, no sentido de visão acadêmica, no Brasil, Lima (2016) observou esta complexidade quando afirmou que:

(...) a inerente característica epistemológica complexa, juntando o jornalismo – isto é, a atividade de comunicação de massa desenvolvida pela civilização contemporânea para, em tese, levantar, investigar, apurar e contar ocorrências sociais – à literatura – no sentido da arte narrativa de prosa, no caso empregada no território da não-ficção –, obrigatoriamente lhe confere uma situação conceitual algo difícil de ser enquadrada pelos critérios lineares de classificação e entendimento tanto pelas linhas teóricas predominantes de natureza conservadora e linear, na academia, quanto pela prática profissional nas redações. A falta de um enquadramento clássico – simplista, de fato – adequado, torna-o, para muitos, um patinho feio, sem identidade aparentemente bem desenvolvida. É, no fundo, uma questão de paradigma, de enquadramentos teóricos que governam, nas entranhas de suas bases epistemológicas, as definições, os princípios, os procedimentos e a prática de cada um desses distintos modelos de jornalismo (LIMA, 2016, p. 64).

Quanto a nós, temos utilizado nos últimos anos o termo literatura de complexidade (Castro, 2010) para definir essa forma de tratamento da escritura que abarca em si diversos níveis e se faz, por isso mesmo, sistêmica. Ademais, também é complexa, porque lida simultaneamente na escritura com o real e o irreal, o falso e o verdadeiro, o ficcional e o não ficcional em seus caracteres relacionais, dialógicos e produtores de conhecimento.

Dentro desta ordem de ideias, convém dizer que o que está em discussão no jornalismo literário é a própria noção de informação, que amplia o seu espectro, deixando de ser matematizada (o máximo de informação no mínimo espaço) para ser multifocal e complexa (possibilidades múltiplas; diversidade na unidade e economia da informação unida à beleza da expressão). Para ser entendido e trabalhado nessa perspectiva, o jornalismo literário enfrenta algumas limitações. Primeiro, as escolas de comunicação hoje, em sua maioria, não preparam alunos para a multiplicidade narrativa, mas para a uniformidade do lide (que, diga-se, tem também sua beleza estilística). Segundo, os próprios professores, muitas vezes, não avançam além da técnica do lide porque foram educados, anos a fio, desta maneira, transportando o mercado para dentro das salas de aula. Ao ensinarem a técnica do lide apenas (e isso não era culpa

deles, mas da própria deficiência do ensino de comunicação no Brasil) as outras técnicas narrativas foram deixadas de lado. Terceiro, não parece interessar muito aos jornais sair, a curto ou médio prazo, do lide, por três motivos: 1. Existe o mito de que o leitor não tem tempo para ler jornal; 2. Existe o mito de que o leitor compra o jornal somente para se informar, rapidamente, do que quer, e 3. Por isso mesmo existe o mito de que o jornalismo literário é algo parecido a, no jargão jornalístico, fazer nariz de cera, e, já que a empresa jornalística precisa economizar papel, não tem anunciantes, nem quer investir em profissionais de talento, o jornalismo literário é, às vezes, olhado de soslaio e com desdém. Talvez fosse o caso de começarmos a nos lembrar mais do ponto de vista do leitor e pararmos de legitimar os discursos falsos sobre a imprensa. Será mesmo que a objetividade, as questões salarial e de tempo e espaço justificam os problemas de narração que enfrentamos hoje no jornalismo contemporâneo?

Se pensado pelo viés da reportagem, podemos dizer que o jornalismo literário tem dois objetivos principais: 1. Aprofundar ou verticalizar o texto jornalístico mediante o recurso da literariedade e da liberdade estilística, criando uma diversidade de narrações e de narradores que, a nosso ver, só enriquece a leitura e o jornal. No Brasil, por exemplo, um estilo ainda pouco utilizado é o do “jornalismo de autor”, ou em primeira pessoa, semelhante ao que o cinema e a literatura já fazem amplamente de forma rica e saudável. 2. Apostar no prazer da escritura e do texto.

Se pensado pelo viés da matéria, o jornalismo literário aparentemente não é possível, mas convém dizer que isso é outro mito. Em trinta ou vinte centímetros de texto, o grau de potência do dizer só aumenta quando ele está repleto de força estética, numa prosa com brilho, calor humano, criatividade, sem nenhuma opacidade e plena de emoção.

Há quem diga que jornalismo e literatura são duas cosmovisões diferentes e que essa discussão é como querer misturar água e óleo. Não há por que uma não poder recorrer aos recursos e cosmovisões da outra como forma de investigar, observar e desvendar o mundo e o homem. Não há por que não podermos fazer uma crítica às fronteiras que separam o jornalismo da literatura quando o próprio Alceu Amoroso Lima (1990) escreveu que o jornalismo não passa de um gênero a mais da literatura. E que belo gênero, diga-se! Aqui, a crítica à fronteira entre as duas áreas é por uma causa que acreditamos estar à altura tanto do jornalismo quanto da literatura: a causa dos prazeres e dos desafios. Já há alguns anos escrevemos:

Os prazeres estão em poder fazer dialogar saberes próximos e convergentes e, também, em promover sucintamente uma arqueologia do jornalismo face à literatura. Os desafios são muitos e de ordens diversas. Desde a crítica à estrutura interna dos departamentos de Comunicação até as formas de compreensão e de interpretação da realidade. Aqui, nos atemos notadamente ao segundo aspecto. Intérpretes por natureza, jornalistas e escritores são também interpretados pelas suas técnicas de interpretação. O que significa dizer também que essa interpretação exige uma autocompreensão atenta e rigorosa dessas técnicas e desses intérpretes (Castro & Galeno, 2002, p. 10).

Não são novas as formas de opor os diferentes papéis sociais do jornalista e do escritor. Ambos lidam com a palavra, com o mundo, com a subjetividade e a objetividade, cabe agora a cada um escolher o ponto focal onde prefere narrar o que tem a narrar. Obviamente, se todo jornalista pudesse ficar em casa escrevendo o que quisesse, isso seria o ideal, mas enquanto isso não é possível – já que ele tem de narrar o que lhe mandam ou o que o mundo lhe pauta – pelo menos que seja com um pouco de criatividade, emoção e sensibilidade. Voltaremos a esse ponto mais adiante, mas assinalamos desde já que a criatividade, a emoção e a sensibilidade foram destituídas do texto jornalístico sem direito a defesa; ao contrário, qualquer coisa que aponte nesta direção é logo taxada de “sensacionalismo” e ponto final. Convém chamar atenção para a necessidade de um divisor de águas entre o que é “sensacionalismo” e o que é sensibilidade, emoção, sutileza, doçura, delicadeza, ternura, poesia. Será que nos custou tanto a escolha pela objetividade? O divisor de águas entre fazer jornalismo sensacionalista e escrever com emoção encontra-se – e tão somente aí! – na questão ética.

É por essas e por outras razões que todos sabemos que o jornalismo contemporâneo necessita de uma reforma. Certamente um dos operadores dessa reforma será a capacidade de abertura paradigmática orientada no sentido de incorporar horizontes diversos, transversalizando discursos, propostas e objetivos.

Talvez parte dessa reforma seja começar a olhar o passado e as suas lições. Se fizermos isso, veremos que nem tudo é tão moderno como pensamos e que os antigos já tinham a sua forma de fazer jornalismo literário. Os antigos historiadores e cronistas, como Heródoto (485-420 a.C.) e Plínio, o Velho (23-79 d.C.) conseguiram unir gêneros dos mais diversos numa prática que se assemelhava muito ao que passamos a chamar de jornalismo, fazendo dele não só narrações de acontecimentos comuns, mas literaturas das mais diversas, como a fantástica, a lírica, a aventureira, a gnômica, a crítica, entre outras (Castro, 2010).

Jornalismo literário a nosso ver, portanto, é a capacidade discursiva de englobar numa narrativa rica e diversa à hipercomplexidade da existência, porque encerra em si um infinito cultural que engloba ciência, história, religião, ética, política. É uma via de compreensão do gênero humano, um misto de informação e conhecimento, capaz de transformar e orientar esse mesmo conhecimento em sapiência.

3. Jornalismo literário como disciplina de saberes transdisciplinares

Para entender o jornalismo literário como conhecimento transdisciplinar é preciso primeiro entender que a transdisciplinaridade não se opõe à abordagem disciplinar, mas a complementa, fazendo dela emergirem novos dados, a partir da confrontação das disciplinas que ela articula, abrindo-as ao que as une e ultrapassa. Os saberes do jornalismo literário dizem respeito, em um primeiro momento, à disciplina necessária ao aprendiz jornalista, por lhe permitir desenvolver competências criativas, imaginativas e narrativas. Em um segundo momento, esses saberes também dizem respeito ao aprendiz das demais ciências sociais e humanas, bem como das ciências físicas e biológicas, que necessita entender que aquilo que ele apreende da realidade empiricamente observável não se dissocia dos processos psíquicos e energéticos que a imaginação é capaz de gerar em um universo complexo de seres sistemicamente interconectados.

Sendo assim, a força da criatividade, a intuição e a percepção sensível vêm completar a força da observação empírica e a exatidão do registro e da análise dos dados coletados; e todas essas forças terão que ser articuladas e representáveis por meio da linguagem. Em uma aplicação mais palpável, ao narrar um fato, o jornalista pode se ater aos dados secos e objetivos exigidos pelo lide, mas também pode agregar à sua narrativa os dados inexatos da imaginação que conduz o leitor a outros universos de possibilidade e de leitura e análise da realidade. Será então preciso que o jornalista tenha um domínio suficiente do próprio texto para deixar claro ao leitor o que pertence ao registro da realidade objetiva e o que remete à ordem da subjetividade e da apreciação ampliada da realidade em seus vários níveis de complexidade. Tal competência é, de fato, objeto dos conhecimentos disciplinares do jornalismo literário que, situado na fronteira entre jornalismo e literatura, faz dialogar as duas áreas

de maneira a dotar o jornalista das técnicas e das habilidades que um literato ou um escritor deve ter para narrar e descrever na medida certa aquilo que necessita ser narrado e descrito.

O artigo 2 da Carta da Transdisciplinaridade do Centro Internacional de Pesquisa e Estudos Transdisciplinares (CIRET)², firmada em 1997 em Locarno, na Suíça, menciona que “o reconhecimento da existência de diferentes níveis de realidade, regidos por lógicas diferentes, é inerente à atitude transdisciplinar”, sendo então necessária uma educação aos diferentes níveis de realidade em todas as áreas disciplinares do conhecimento. Ou seja, é necessário criar uma consciência de que o domínio da realidade não acaba com o limite de uma ciência, ou melhor, que a fronteira entre uma ciência e outra, entre um domínio disciplinar e outro, é turva e indefinida, e que existem realidades que atravessam a todas elas, sendo-lhes comuns. “O sentido profundo da unificação não-fusional transdisciplinar é impossível de ser compreendido sem que se recorra à noção de ‘níveis de Realidade’” (Nicolescu, 2009, p. 4). E mais adiante, o pensador transdisciplinar continua:

É preciso entender por *nível de Realidade* um conjunto de sistemas invariável à ação de um número de leis gerais: por exemplo, as entidades quânticas submetidas às leis quânticas, as quais estão em ruptura radical com as leis do mundo macrofísico. O que significa dizer que dois níveis de Realidade são *diferentes* quando, passando de um para o outro, há uma ruptura das leis e ruptura dos conceitos fundamentais (como, por exemplo, a causalidade) (Nicolescu, 2009, p. 5).

Todo jornalista precisa saber a diferença entre o tempo histórico e o tempo mítico, entre a narrativa realista e a narrativa mítica, entre a realidade física e a realidade imaginária. Um ensino literário pode dar o conhecimento desses diferentes níveis de realidade ao futuro jornalista, ensino que se apresenta como jornalismo literário. Mas são as práticas da escrita e da leitura que lhe darão a competência para se tornar um jornalista escritor, capaz de transmitir ao leitor, com segurança, uma notícia que não cumpra apenas o objetivo de informação jornalística, mas tenha também um poder de encantamento para gerar nele interesse e gosto pela escrita jornalística.

A importância temática e crítica dos níveis de realidade pode ser aprendida dentro dos próprios estudos do jornalismo literário, como aponta Martinez (2016) ao elencar, a partir de Lima (2009) seus “dez pilares do jornalismo literário”: 1) Exatidão e precisão; 2) Contar uma história; 3) Humanização; 4) Compreensão; 5) Universalização

temática; 6) Estilo próprio e voz autoral; 7) Imersão; 8) Simbolismo; 9) Criatividade e 10) Responsabilidade ética. A pesquisadora destaca a “imersão” como experiência estética: “Primeiro o autor mergulha no real, vive intensamente, de corpo e alma, a experiência da vida e dos personagens. Depois é que se afasta, reflete sobre a experiência, deixa as emoções, as intuições e os pensamentos assentarem. E então escreve” (Martinez, 2016, p. 48).

A metáfora náutica utilizada por Lima, (“imersão/mergulho”), neste exemplo, não deixa de apontar também para outra metáfora de realidade, agora, uma metáfora aérea, referente ao sobrevoo, quando entende que o autor “se afasta, reflete”, para só “depois” escrever. As ideias de “mergulho” e sobrevoo assim como as de proximidade e afastamento do autor ou do pesquisador correspondem a nosso ver ao problema de aprofundamento dos níveis de percepção da realidade.

Já analisamos, em um estudo sobre a produção jornalística de Gabriel García Márquez (Dravet, 2013), como este conseguia, em seus textos jornalísticos, “elevar o fato ao mito”. Isso significa afirmar que o que é notícia, fato, envolvendo pessoas, tempos e lugares, nos textos do escritor, torna-se mito. O tempo, os lugares, as pessoas e os acontecimentos são reais no sentido em que têm materialidade na vida física; mas na narrativa jornalística do escritor parecem se tornar míticos, criando assim um forte apelo para a leitura e para a própria recepção da notícia:

A elevação do texto jornalístico ao nível do mito é um procedimento que atua de três formas: 1) transformando a realidade de um fato singular em uma realidade de caráter universal; 2) colocando o leitor diante da questão da realidade e dos limites do real; 3) permitindo o acesso do leitor a universos novos de possibilidades tanto no nível da vivência, como no nível da crença. Dessas três formas é possível fazer um jornalismo que não apenas trate de informação, mas sim de formação e conhecimento (Dravet, 2013, p. 75).

Sendo assim, na perspectiva disciplinar, o jornalismo literário atua na formação do futuro jornalista, mostrando-lhe as técnicas e dando-lhe os instrumentos para o desenvolvimento das habilidades e competências narrativas necessárias a um jornalismo mais vivo e envolvente. Já em uma perspectiva transdisciplinar, deverá também ser capaz de despertar em qualquer estudante/leitor a percepção sensível e a compreensão racional de que, na leitura do jornal, os níveis de realidade se misturam e se distinguem, e que esses níveis operam não só na narrativa da vida cotidiana assumida pelo jornal, mas também na realidade que o biólogo, o físico, o matemático, o

astrônomo, o engenheiro, o geógrafo, o sociólogo, o psicólogo, etc. observam e analisam em suas tarefas profissionais.

Segundo Michel Maffesoli, no século XXI já não há qualquer garantia ideológica, religiosa, institucional ou política que permita assentar nossos modelos de sociedade em bases firmes e lógicas. Diz o pensador que “a vida social em sua integralidade está imersa numa atmosfera estética, é feita, antes de mais nada, e cada vez mais, de emoções, de sentimentos e de afetos compartilhados” (Maffesoli, 1998, p. 115). Por isso mesmo, o jornalismo literário, como narrativa sensível do real, se mostra como uma alternativa a uma apresentação da vida social (e não representação) que possa trazer em seus formatos e gêneros, mais ou menos curtos e condensados, mais ou menos rápidos e objetivos, fazendo caber nos trinta centímetros da matéria de jornal, nas 250 páginas do livro-reportagem ou nas 100 linhas do blog de notícias, a complexidade da vida social com seus fatos, eventos, acontecimentos e também emoções, sentimentos e afetos compartilhados.

4. Os saberes jornalístico-literários de João Guimarães Rosa: a entrevista-retrato do vaqueiro Mariano

Chamamos de saberes jornalístico-literários em João Guimarães Rosa dois aspectos: 1) Os saberes narrativos-comunicacionais presentes na arte da conversação, a noção de entremeio³, diálogos e entrevistas que os personagens fazem uns com os outros, assim como o uso da palavra, e 2) Os saberes colhidos e coletados na prática de proximidade com o campo jornalístico propriamente dito, pois sabemos que Rosa se dedicou a explorar técnicas e fundamentos interativos referentes ao jornalismo na construção de algumas de suas histórias.

Devemos dizer também que o jornalismo esteve presente na vida de Guimarães Rosa eminentemente como um saber transdisciplinar. Sabia ressituar suas leituras de jornais e sua convivência com diversos jornalistas dentro de um plano estratégico e pedagógico maior. O plano aberto desta convivência fazia-o interagir com diversos jornalistas, como Álvaro Lins (1912-1970), Franklin de Oliveira (1916-2000) e Josué Montello (1917-2006). Além desses, o escritor mineiro mantinha relações esparsas, mas próximas, com nomes importantes do mundo jornalístico da época, como Pedro Bloch⁴ (1914-2004), José Carlos de Macedo Soares⁵ (1883-1968), Joel Silveira⁶ (1918-2007), Antonio Olinto⁷ (1919-2009), Assis Chateaubriand⁸ (1892-1968) e João Neves da Fontoura⁹ (1887-1963).

Assim, a relação de Rosa nesse meio era muito mais de acumulação de informações e difusão de saberes, do que propriamente de responsabilidades e obrigações pragmáticas e de mercado.

O escritor mineiro observou as rotinas produtivas, o *savoir-faire*, as pautas, as notícias falsas e as distorcidas. Consciente dessa realidade, Rosa acompanhou com atenção até mesmo as notícias plantadas pelo regime nazista, no tempo em que morou em Hamburgo (1938-1942), como aparece em seu “Diário de Guerra”¹⁰ – seu caderno de anotações sobre o cotidiano da Segunda Guerra, em Hamburgo, na Alemanha. Neste ciclo de convivências com jornalistas, jornais, empresários da comunicação e fatos históricos, Rosa construiu sua visão de comunicação como circuito, ligada em vários terminais (saberes), sendo um deles a imprensa, de caráter evidentemente enciclopédico, como era de feitio do escritor, um intenso catalogador de toda informação com a qual cruzava.

Sua proximidade, seu interesse e principalmente sua presença na imprensa é atestada também pelo volume de textos publicados por ele em jornais e suplementos. Entre 1947 e 1967, Guimarães Rosa publicou 122 textos em jornais como *O Globo*, *Pulso*, *Correio da Manhã*, *O Jornal* (RJ), *O Cruzeiro*, *Manchete*, *Senhor*, *Letras e Artes* (suplemento do jornal *A Manhã*), *Diário de Minas* (MG), *Folha da Manhã* (SP), *O Estado de S. Paulo* (SP) e *Jornal de Letras* (RJ). Depois, todos estes textos foram incorporados aos seguintes livros: *Primeiras estórias* (1962) e *Tutameia (Terceiras estórias)* (1967), publicados em vida; e *Estas estórias* (1969) e *Ave, palavra* (1970)¹¹, edições póstumas.

Devemos destacar que uma das questões na literatura de Rosa é a presença de entrevistas subjacentes, como a que compõe o grande pano de fundo do romance *Grande Sertão: Veredas*, e também está presente nos contos “Meu tio, o lauretê” e “Entremeio: Com o vaqueiro Mariano”.

Neste tipo de texto, vemos um “monólogo inserto em situação dialógica” (Schwarz citado por Bolle, 2004, p. 40). A “quase-entrevista” ou a “semi-entrevista” é uma técnica amplamente utilizada por Rosa para o compartilhamento tácito do mediador com o ouvinte e vice-versa. No caso emblemático de *Grande Sertão: Veredas*, por exemplo, o interlocutor desse compartilhamento quer entender como e por que um sertanejo semiletrado, ex-jagunço, assimilou, aprendeu e se colocou complexas e sofisticadas questões de ordem filosófica e existencial. A entrevista aparece aqui com a capacidade de mediar testemunhos, com ou sem críticas e julgamentos, mas diante da abertura e da escuta do outro.

Já no caso da entrevista com o vaqueiro Mariano, que Paulo Rónai chama, na nota introdutória de *Estas estórias*, de “entrevista-retrato”,

talvez seja o exemplo mais eloquente de jornalismo literário na obra de Guimarães Rosa, onde estão evidenciadas as técnicas e os fundamentos interativos dessa espécie de narrativa na construção da história.

É passível de questionamento se Rosa utilizou elementos de ficção na construção do perfil do vaqueiro. Mas é inegável a presença de elementos do jornalismo literário, no que diz respeito à conjugação de conhecimentos, técnicas e estilos da narrativa jornalística a partir de fatos reais.

Passados mais de 70 anos dos fatos, sem o acesso às fontes primárias da informação, o que sabemos dos dados de realidade é que o personagem de fato existiu e, anos depois, concedeu entrevista ao semanário *Flan*¹², jornal do grupo de Samuel Wainer, sobre a convivência de mais de uma semana com Guimarães Rosa. A fazenda Firme, cenário da reportagem, existiu e abrigou Rosa durante sua viagem ao Pantanal mato-grossense em 1947. Autor e personagem ali conviveram, conversaram e interagiram. E ao final, a história foi a público, em três partes, por meio das páginas do jornal *Correio da Manhã*, o mais importante da época no Rio de Janeiro.

O que chama a atenção para o resultado da “apuração” é a conjugação dos dados de realidade com uma narrativa sofisticada, onde convivem vocabulário selecionado, estilo e musicalidade. Esta conciliação entre fatos e texto literário evidencia-se já no segundo parágrafo do perfil jornalístico.

Seu rosto, de feitura franca, muito moreno, fino, tomava o ar de seriedade, meio em excesso, de um homem de ação posto em tarefa meditativa. Mas os grandes olhos bons corriam cada gesto meu ou movimento, seguitemente, mostrando presteza em proteger, pouquinho curiosidade, e um mínimo de automática desconfiança (Rosa, 2015, p. 93).

Rosa sugere que o vaqueiro o vigiava com atenção, o que o personagem confirmaria ao repórter do *Flan*. Mariano indica a prática de técnicas de apuração jornalística da parte de Rosa, fazendo perguntas e anotando as respostas na caderneta que levava consigo.

– Ele deixava, eu pegava, êle se aquietava e ficava puxando coisas lá num caderninho. Tudo queria saber: os nomes dos pássaros, dos pés de folha, o nome das vacas. Não largava o caderninho, nem nos rodeios. De vez em quando parava o cavalo para perguntar as cousas, tirava o caderninho e escrevia (Flan, 1953, edição 14, p. 36).

Mais curioso da entrevista de Mariano ao semanário *Flan* é, no entanto, o possível confronto das suas declarações com trechos do escrito de Rosa. Há, de fato, coincidências entre depoimento do

vaqueiro e fatos relatados no texto. No entanto, há momentos em que se expressa um visível retrabalho de Rosa sobre a realidade do ocorrido.

Num primeiro exercício de cotejamento, é possível ver as menções de Mariano e de Rosa sobre um mesmo episódio: da ordenha das vacas. Diz Mariano: “‘Seu’ Guimarães era gozado... Me acordava todo dia às duas da madrugada para eu tirar leite no curral, com ele junto. A gente ia e ele segurava o balde e pedia para aprender a tanger o peito da vaca. Eu deixava êle fazer. Mas era duma falta de jeito, Nossa! e a vaca escondia o leite... (Flan, 1953, edição 14, p. 36).

No seu produto final, no entanto, escreve Guimarães Rosa que:

Trazem Pombinha e Biela para perto da cerca, e peiam-nas pelas patas de trás. Lá chegam aos pulos suas crias. Atam-nas. O leiteador põe-se de cócoras. O bezerrinho preso para atravessado, sob o pescoço da mãe, e, faminto, lambe-lhe a boca. O homem colhe o peito da vaca; manipula, dedos hábeis. Freme um fio branco, batendo o balde, com escorrijo. Abre-se o cheiro de leite, como um enjoo. O bezerro se debate, embarafusta a cabeça, procurando (...) (Rosa, 2015, p. 108).

Em outro momento, diz Mariano ao repórter que Rosa confidenciou-lhe que queria conhecer a “alma dos bois”:

Mas o mais gozado em ‘seu’ Guimarães era quando tinha vaca no meio da conversa. Duma vêz êle me disse, no meio do campo: – ‘Mariano’ – e fêz uma pausa – ‘eu só queria era penetrar na alma de um bovino!’. Eu disse ‘que coisa esquisita, doutor’, e êle temperou: – ‘Quando vejo a grama molhada só tenho vontade é de pastar...’ (Flan, 1953, edição 14, p. 36).

Já na entrevista-perfil, Rosa faz a seguinte afirmação sobre Mariano: “Eu tinha precisão de aprender mais, sobre a alma dos bois, e instigava-o a fornecer-me factos, casos, cenas. Enrolado no poncho, as mãos plantadas definitivamente na toalha da mesa, como as de um bicho em vigia, ele procurava atender-me” (Rosa, 2015, p. 93).

Amigo próximo de Rosa, o também escritor Paulo Dantas relata que conversou com Rosa sobre o vaqueiro Mariano. Em mais uma evidência do jornalismo literário, Dantas reporta-se ao texto como “a mais bela reportagem transfigurada já feita sobre o pantanal” (Dantas, 1975, p. 21).

No mesmo relato, Dantas lembra que Rosa considerava o perfil de Mariano uma reportagem, que desejava transformar em livro. Como de fato o faria, em 1952, pelas mãos do poeta Thiago de Mello, pela pequena editora Hipocampo, de Niterói (RJ). Para reforçar o dado de realidade do trabalho, Dantas relembra trecho do diálogo em que Rosa menciona a “alma dos bois” e reporta-se ao texto como uma peça de

jornalismo: “Aquele vaqueiro ainda existe. É meu grande amigo. Foi com ele que aprendi muito sobre a alma dos bois. (...) Ando com vontade de transformar aquela reportagem num livro. Ampliar tudo, num crescendo. Mariano, meu amigo, merece” (Rosa citado por Dantas, 1975, p. 22).

A relação que Rosa estabelece com Mariano é a de um aprendizado franco, sincero, mútuo, recíproco, de troca comunicativa aberta. Mariano está disposto a falar-lhe ou ensinar-lhe, sob a luz de lampião, sobre a natureza animal. Rosa quer aprender mais sobre a alma dos bois. Esta aprendizagem implica entender esta “espécie tranquila de força” (Rosa, 2015, p. 94); “a vagorosa mansidão aprendida” (Rosa, 2015, p. 95); “a vastidão onde o real furta a fábula” (Rosa, 2015, 95); que as “estórias não se desprendem apenas do narrador, sim o performam; narrar é resistir” (Rosa, 2015, p. 98); “ensinam a aproximar-se do infinito” (Rosa, 2015, p. 113) e “do impossível” (Rosa, 2015, p. 117) etc. Neste conto, a capacidade de busca da alteridade para sua auto-formação é típica de uma atitude que rompe com as fronteiras disciplinares. Para aprender sobre a alma dos bois ele recorre ao professor-vaqueiro (Mariano). Para falar da alma humana, diabólica, Rosa recorrerá, por sua vez, ao professor-jagunço (Riobaldo).

O que se quer remarcar aqui é o flerte evidente de Rosa com o jornalismo literário, a partir da valorização que o escritor conferia à mistura dos elementos reais com o texto literário. Em uma carta ao pai, Florduardo Pinto Rosa, o autor confia o seu apreço pelos fatos reais para enriquecer sua obra literária.

Estou escrevendo outros livros. Lembro-me de muitas coisas interessantes, tenho muitas notas tomadas, e muitas outras coisas eu crio ou invento, por imaginação. Mas uma expressão, uma cantiga ou frase, legítima, original, com a força de verdade e autenticidade, que vem da origem, é como uma pedrinha de ouro, com valor enorme. (...) Mas, não conte a outras pessoas, para que eu possa usá-las em primeira mão (Rosa, J. G. citado por Rosa, V. G., 2014).

A conclusão que fica aqui, então, é a apreensão extraordinária dos saberes jornalísticos propriamente ditos, por Rosa, com a prática do “exercício de despojamento”, como definiu na sua colaboração quinzenal para o jornal médico *Pulso*: a busca da palavra “justa”. Em uma carta endereçada a Manuel Bandeira, Rosa explica precisamente como se dá esse “exercício do despojamento”:

Começo a escrever, um mundo de coisas, ideias, imagens, reminiscências, me acodem. Escrevo cinco, dez, quinze páginas. É preciso reduzir a três. Começo a cortar, começo a corrigir. O meu desejo é então continuar a corrigir até o fim da minha vida. Mas há que entregar os originais. E no dia seguinte, recomeçar coisa nova (Rosa citado por Bandeira, 1966, p. 319).

No entanto, mais ainda, a lição é a maestria com a qual Guimarães Rosa trabalhava, com uma linguagem altamente lapidada e, ao mesmo tempo, despojada nos níveis de linguagem. Os saberes narrativos-comunicacionais presentes na arte da conversação, a noção de entremeio, diálogos e entrevistas que os personagens fazem uns com os outros evidenciam as várias camadas que, mesmo independentes, compõem um todo narrativo maior (Castro, 2010) do trabalho de jornalista literário de Rosa. Assim, esse breve exercício apreendido na entrevista retrato do Vaqueiro Mariano e sua contra-entrevista no semanário *Flan* aproxima-se de intensa estrutura múltipla de construção narrativa que Ítalo Calvino faz no ensaio *Níveis de realidade na literatura*: “Eu escrevo, que Homero conta, que Ulisses diz: eu ouvi o canto das sereias” (Calvino, 2006, p. 373).

5. Considerações finais

A reportagem sobre o Vaqueiro Mariano – que pode ser vista como o caso mais eloquente de jornalismo literário na obra de Guimarães Rosa ao mesmo tempo em que apresenta um papel pedagógico da relação que se estabelece entre os dois interlocutores – nos permite identificar que o caráter transdisciplinar do jornalismo literário está presente em dois níveis: 1) no nível da dimensão comunicacional presente na informação jornalística, propriamente dita; e 2), no nível da dimensão cultural e complexa presente na arte literária. Comunicação e cultura são duas pontes, ou dimensões, que revelam o caráter complexo da perspectiva transdisciplinar. Ao chamarmos o jornalismo literário de “literatura de complexidade”, queremos justamente aceder a essa fonte multidimensional dos saberes. São dimensões que se retroalimentam e que propiciam recorrências e recursividades. Nessa perspectiva, o jornalismo deve ser integrado no circuito da comunicação, assim como a comunicação deve ser integrada ao circuito da cultura. O que significa este “circuito da comunicação”, presente mesmo na escrita de Guimarães Rosa? Trata-se de perceber não a unidade, mas a complexidade; trata-se de pensar/repensar o jornalismo (e a comunicação) não com base numa pequena quantidade de conhecimentos, mas em seu estado atual de proliferação, dispersão e parcelamento dos conhecimentos.

Essa integração do jornalismo ao circuito comunicacional transdisciplinar enraíza o conhecimento físico, e igualmente biológico, em uma cultura, em uma sociedade, em uma história e em uma

humanidade. Como assinala o pensador da complexidade Edgar Morin, a partir desta transdisciplinaridade educacional e comunicacional “cria-se a possibilidade de comunicação entre as ciências, e a ciência transdisciplinar é a que poderá desenvolver-se a partir dessas comunicações” (Morin, 1996, p. 139). Morin tenta considerar “as condições de formação desse circuito, donde seu caráter enciclopedante, visto que ponho em ciclo pedagógico (*agkukliós paideia*) essas esferas até então não comunicantes” (Morin, 1996, p. 139).

A transdisciplinaridade aponta mesmo para a responsabilidade com aquilo que ensinamos (e aprendemos) que passa por 1) uma tomada de consciência crítica e 2) a necessidade de elaborar uma ciência da ciência. A tomada de consciência crítica significa a percepção de que o pesquisador está envolto em hipóteses, conjecturas, erros, prognósticos, previsões e enganos. Esta consciência tende sempre a por em crise (e sob o ângulo crítico) aquilo que lhe parece evidente. A necessidade de elaborar uma ciência da ciência revela como os saberes coletados e explorados pelos seres humanos se tornaram complexos. É necessário para isso “conhecer para conhecer”, buscar um conhecimento que triunfe sobre proibições, tabus ou que o limite. Uma ciência da ciência implica “viver e assumir um politeísmo de valores” (Morin, 1996, p.123). Por fim, ensinar o jornalismo é ensinar para a comunicação, o que implica a saída da hiperespecialização e a abertura para os saberes comunicacionais da conversação (mediadas pelas entrevistas); o prazer da exploração etnográfica inerente à profissão de jornalista; a capacidade de estímulo ao debate e ao diálogo, sempre sob o prisma da abertura intercultural, transcultural, interdisciplinar e transdisciplinar.

NOTAS

- 1 Cadernalização é um neologismo que implica na divisão do jornal por cadernos. Caderno de Cidades, Economia, Política, Esportes, Cultura e assim sucessivamente, a depender da forma de organização interna de cada jornal.
- 2 Documento institucional disponível em ciret-transdisciplinarity.org/chart.php. Acesso em 4 março 2018.
- 3 “Entremeios”: coisas-dentro-das-coisas e coisas-entre-as-coisas. O “*Entremeio. Com o Vaqueiro Mariano*” é uma reportagem literária escrita em 1947, publicada depois em livro, em 1952, atualmente,

- presente no *Estas Estórias* (2015). “Entremeio” no dicionário *Michaelis* (1998) é (1) “intermédio”; (2) “renda bordada em tira, entre espaços lisos”; (3) “região do corpo da vaca entre as nádegas e as costas, atrás do úbere. *Neste entremeio*: neste meio tempo; entrementes”.
- 4 Pedro Bloch foi um intelectual multifacetado: jornalista, médico foniatra, compositor, poeta, dramaturgo e escritor de livros infanto-juvenis. Escreveu mais de cem livros. Era primo do empresário da comunicação Adolpho Bloch, proprietário da revista *Manchete*.
 - 5 José Carlos de Macedo Soares foi um influente político brasileiro. Jurista, historiador, foi Ministro da Justiça, dos Negócios Interiores e das Relações Exteriores nos governos Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek e Nereu Ramos. Membro da Academia Brasileira de Letras (ABL), presidente da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, presidente do Instituto Histórico e Geográfico (IHG) e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Foi um dos organizadores da Semana de 22. Sua família era proprietária de jornais e rádios no Rio de Janeiro.
 - 6 Joel Magno Ribeiro da Silveira foi um influente colunista, escritor e jornalista brasileiro. Atuou em vários jornais e revistas. Ficou mais conhecido por cobrir como correspondente dos Diários Associados os acontecimentos da Segunda Guerra Mundial na Europa. É considerado um dos pais do jornalismo literário brasileiro.
 - 7 Antônio Olinto foi um jornalista cultural e escritor brasileiro. Sua coluna de livros e crítica literária no jornal *O Globo* foi uma das mais lidas do país nos anos 1960. Guimarães Rosa colaborou com sua coluna no jornal durante oito meses em 1961. A obra de Antônio Olinto abrange poesia, romance, ensaio, crítica literária, análise política, literatura infantil e dicionários.
 - 8 Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello foi jornalista, mecenas, político e empresário. Conhecido por Chatô, foi um dos mais poderosos empresários da comunicação do Brasil nas décadas de 1940 e 1960. Fundador dos Diários Associados, que envolvia uma cadeia de jornais e de rádios espalhados por todo o território brasileiro. Pertenceu à Academia Brasileira de Letras (ABL).
 - 9 Foi advogado, diplomata, político, escritor e jornalista. Ministro das Relações Exteriores por duas vezes, nos governos Getúlio Vargas e Eurico Gaspar Dutra. Foi embaixador do Brasil em Portugal entre 1943 e 1945. Editorialista do jornal *O Globo* e membro da Academia Brasileira de Letras (ABL).

- 10 O chamado “Diário de Guerra” de Rosa foi organizado por Eneida Maria de Souza, Reinaldo Marques e George Otte, professores do Programa de Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Os professores estabeleceram uma organização do texto, com notas explicativas, introdução e tradução de expressões em alemão retiradas da imprensa por JGR e coladas em seu diário. O manuscrito em fotocópia, encontra-se no Arquivo Henriqueta Lisboa, no Acervo de Escritores Mineiros, da UFMG.
- 11 É emblemático que antes de optar pelo nome definitivo *Ave, palavra*, o escritor – que às vezes incorporava o personagem repórter –, pensou em atribuir à obra o título ...*Reportagens*. Diz Paulo Rónai que as outras opções eram: “*Azulejos Amarelos, Conversas com Tempo, Sortidos e Retalhos, Desconexões, Via e Viagens, Contravazios, Moxinifada, Almanaque, Poemas do Esporádico, Exercícios de Saudade, Meias-Estórias e Oficina Aberta*” (Rónai, 2009, p. 19).
- 12 *O Vaqueiro e o Ministro: o personagem fala sobre o autor*. 1953, July 14th. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=100331&pagfis=470>

REFERÊNCIAS

- Bak, J. (2017). Rumo a uma definição de Jornalismo Literário internacional. *Brazilian Journalism Research*, 13 (3), pp. 136-161. Doi: <http://dx.doi.org/10.25200/BJR.v13n3.2017.1007>
- Bandeira, M. (1966). *Andorinha, Andorinha*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora.
- Bolle, W. (2004). *Grande sertão: Br*. São Paulo: Editora 34/Duas Cidades.
- Calvino, I. (2006). *Assunto encerrado: Discursos sobre literatura e sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Castro, G. (2010). *Jornalismo literário: Uma introdução*. Brasília: Casa das Musas.
- Castro, G., & Galeno, A. (2002). (Orgs.). *Jornalismo e Literatura: A sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras.
- Dravet, F. (2013). Por um jornalismo latino-americano realista, literário e mágico: uma leitura das crônicas de Gabriel García Márquez. *Logos* 38. Realidade Ficção, 20 (1), pp. 73-85. Doi: <https://>

doi.org/10.12957/logos.2013.77

Dantas, P. (1975). *Sagarana emotiva: Cartas de J. Guimarães Rosa*. São Paulo: Duas Cidades.

Flan (1953, 14 de julho). *O Vaqueiro e o Ministro: o personagem fala sobre o autor*. p. 36. Recuperado de <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=100331&pagfis=470>

Hartsock, J. (2016). *Literary journalism and the aesthetics of experience*. Amherst, Boston: University of Massachusetts Press.

Juarroz, R. (2000). *Poesia y realidad*. Valencia: Pre-Textos.

Lima, A. A. (1990). *O Jornalismo como gênero literário*. São Paulo: Com-Arte, Edusp.

Lima, E. P. (2016). O jornalismo literário e a academia no Brasil: fragmentos de uma história. *Famecos*, 23, pp. 63-80. Doi: <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2016.s.25024>

Lima, E. P. (s.d). *Registros breves para uma história futura*. Recuperado de www.edvaldopereiralima.com.br/index.php/jornalismo-literario/pos-graduacao/memoria-portal-abjl/152-registros-breves-para-uma-historia-futura-do-jornalismo-literario

Maffesoli, M. (1998). *Elogio da razão sensível*. Trad. Albert Christophe Migueis Stuckenbruck. Petrópolis, RJ: Vozes.

Martinez, M. (2016). *Jornalismo literário: Tradução e inovação*. Florianópolis: Insular.

Martinez, M. (2017). Jornalismo Literário: revisão conceitual, história e novas perspectivas. *Intercom Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, 40 (3), pp. 21-36. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1809-5844201732>.

Morin, E. (1996). *Ciência com consciência*. Trad. Maria A. Sampaio Dória. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Nicolescu, B. (2009). *Contradição, lógica do terceiro incluído e níveis de realidade*. In *Ateliers sur la contradiction: Nouvelle force de développement en science et société*. École des Mines: Saint-Etienne, pp. 19-21. Tradução CETRANS. Recuperado de www.emse.fr/aslc2009

Rónai, P. (2009). Os prefácios de Tutameia. In: Rosa, J. G. *Tutameia (Terceiras histórias)*. 9. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Rosa, J. G. (2015). *Estas estórias*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
Rosa, V. G. (2014). *Relembramentos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Soares, I. (2017). At the intersection of risk: when literary journalism and sociology study urban problems by means of akin

methodologies. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 84, pp. 63-80. Doi: <https://doi.org/10.7458/SPP2017843466>

Gustavo de Castro é doutor. Professor Adjunto da Faculdade de Comunicação/ Universidade de Brasília (UnB), Brasília, Distrito Federal, Brasil. E-mail: gustavodecastro@unb.br
Concepção e Elaboração do Estudo. Interpretação dos dados. Redação, edição e revisão final.

Florence Dravet é doutora. Professora do Mestrado em Comunicação da Universidade Católica de Brasília (UCB), Brasília, Distrito Federal, Brasil. E-mail: florence@ucb.br
Concepção e Elaboração do Estudo. Interpretação dos dados. Redação, edição e revisão final.

Andrea Jubé é Jornalista e bacharel em Direito. Mestranda da linha de pesquisa Imagem, Som e Escrita, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília (UnB). E-mail: andreajubevianna@gmail.com
Responsável pela pesquisa do envolvimento de Guimarães Rosa com o jornalismo.

Victor Cruzeiro é bacharel em Filosofia. Mestre pela linha Imagem, Som e Escrita, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília (UnB). E-mail: victorlcruzeiro@gmail.com
Responsável pela pesquisa do envolvimento de Guimarães Rosa com o jornalismo.

RECEBIDO EM: 25/05/2018 | ACEITO EM: 30/08/2018